



Recebido em 23/04/2021

Aceito em 23/04/2021

DOI: 10.26512/emtempos.v1i38.34936

## DOSSIÊ

# Um grito de socorro: a democracia roubada

A cry for help:  
the stolen democracy

*Paulo Henrique Leal Pereira*

Mestrando em Educação na UFMS

<https://orcid.org/0000-0001-7104-9854>

[pauloleal97@hotmail.com](mailto:pauloleal97@hotmail.com)

**RESUMO:** Mais de três décadas se passaram desde o término do regime militar no Brasil, e ainda há uma minoria de pessoas que faz parecer com que todas as atrocidades foram esquecidas ou até mesmo perdoadas. Por isso, se faz necessário lembrar quais foram os motivos que levaram o exército a dar o golpe de Estado e tomar o governo para si. É importante saber quais medidas foram tomadas para assegurar o golpe, e de que forma conseguiram manter a ditadura por tanto tempo, neste contexto serão levantadas algumas questões como: Por que ludibriar a população com mitos e ilusões foi tão benéfico para os militares? Como conseguiram mascarar sua ilegitimidade através de uma falsa ideia de democracia? E como um golpe se tornou uma "revolução vitoriosa"? Através de uma entrevista realizada com um ex militar da cidade de Três Lagoas tentaremos elucidar todos estes pontos cruciais no entendimento deste período histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Regime militar. Golpe de Estado. Democracia.

**ABSTRACT:** More than three decades have passed since the end of the military regime in Brazil, and a minority of people make it appear that all the atrocities have been forgotten or even forgiven. Therefore, it is necessary to remember what were the reasons that led the army to carry out the coup and take the government for itself. It is important to know what measures were taken to ensure the coup, and how they managed to maintain the dictatorship for so long, in this context some questions will be raised such as: Why deceive the population with myths and illusions was it so beneficial to the military? How did they manage to mask their illegitimacy through a false idea of democracy? And how did a coup become a "victorious revolution"? Through an interview with an ex-military man from the city of Três Lagoas we will try to elucidate all these crucial points in understanding this historical period.

**KEYWORDS:** Military regime. Coup. Democracy.

## Introdução

Vive-se um tempo de retrocessos políticos e sociais, onde direitos pleiteados por tanto tempo são abolidos pouco a pouco, como os direitos e garantias dos trabalhadores, dos estudantes, dos índios, dos pobres, de mulheres e de minorias sociais, como os grupos LGBT. Tempo em que a moral cristã exacerbada e o conservadorismo prevalecem nas

escolas e nas ruas atingindo, na maioria das vezes de forma negativa o jeito de viver e de agir de muitos cidadãos.

Este artigo relata um pouco sobre um tempo onde os direitos civis, democracia e liberdade de expressão não existiam. O presente é baseado na entrevista realizada com o senhor Roosevelt Saturnino Gomes, ex-militar, o mesmo é aposentado pelo exército, vivenciou o regime militar, e por isso é um agente histórico deste período. Em seu relato, será apresentada sua visão da ditadura militar como revolução e não como golpe de Estado, procurando esclarecer as visões de ambos os lados políticos e sociais da época: o dos militares que não veem até hoje suas ações como erradas, e dos opositores ao governo militar, que através de lutas e de embates ferrenhos contra este governo perderam suas vidas, acreditando que a revolução não passava de um novo nome dado ao golpe.

Este artigo trabalha com os métodos de história oral usando a entrevista como meio de adquirir conhecimento sobre fatos e relatos de um tempo que muitos não presenciaram. Essa metodologia foi escolhida para ser aplicada, pois:

Transforma a narrativa em processo compartilhado que inclui em si as seguintes dimensões: estímulo ao narrar, ato de contar e relembrar e disponibilidade para escutar. Fala, escuta e troca de olhares compõem a dinâmica desse processo único e essencial à vida humana, pois não se vive em plenitude sem a possibilidade escutar, de contar histórias e de se apreender sob a forma de conhecimento, ou melhor, de sabedoria, o conteúdo narrado. (DELGADO, 2003, p. 23)

Os relatos deste senhor foram usados como fonte histórica, servindo como estrutura para um debate sobre fatos e mitos sobre a ditadura militar. Alguns dos seus pontos de vista serão analisados, pelo simples motivo que Vansina (2010) apresenta “como regra padrão, pode-se admitir que, quanto mais uma narrativa se conforta ao modelo-padrão de excelência e quanto mais são admiradas pelo público, mais é distorcida” e como sabemos, o regime militar brasileiro é um dos períodos mais distorcidos recentemente.

Esse trabalho tem como um de seus objetivos apresentar alguns dos motivos que originaram a ditadura, e as formas de interpretar este fato da história brasileira, uma interpretação baseada em pontos de vistas diversos. Os métodos da história oral foram de grande ajuda na construção desse trabalho, principalmente na hora de trabalhar com os relatos cedidos, sendo assim, será apresentado um breve tópico da importância da história com fontes orais e testemunhos pessoais e individuais para a compreensão de um período ou fato histórico.

Os termos revolução e golpe são apresentados durante o decorrer da discussão e foram explicados de uma forma que não exista mais confusão entre eles. Legitimidade e legalidade são mais outras duas palavras que ao longo do trabalho são apresentadas para serem discutidas, explicadas e compreendidas e que são de grande importância para a compreensão do período que é discutido.

## **O trabalho com a história oral**

O regime militar brasileiro terminou há mais de trinta anos deixando um legado de ideias que continuam sobrevivendo, principalmente nos militares e ex-militares que

vivenciaram aquele período. Durante a entrevista o senhor Roosevelt conta histórias passadas para ele e posteriormente por ele, que serviam para ludibriar os olhos da população. Ainda existem muitos mitos que o entrevistado acredita, e que chega a citar: “só morria vagabundo, criminalidade “não” existia, pois, havia segurança; não existia corrupção, o Brasil estava bem economicamente durante os anos de chumbo, havia saúde de qualidade, não existia mais baderna, nem anarquia, muito menos comunistas andando soltos”.

O senhor Roosevelt, não possui muito estudo, semi-analfabeto ingressou no exército brasileiro e não chegou até uma patente onde pudesse ter uma visão mais elaborada da ditadura. Por isto as diversas contradições durante seu relato. Tudo no que acredita foi ensinado a ele por outros oficiais com patentes superiores e com um ponto de vista mais amplo, eles com certeza sabiam os motivos que os faziam passar todas essas histórias de um Brasil utópico, onde todas as coisas funcionavam da mesma forma que todos da sociedade gostariam que fossem de fato. Essas histórias passadas para frente, continuam fazendo com que as novas gerações acreditem nessas coisas, sua própria esposa defendeu a ditadura fervorosamente.

As memórias e testemunhos podem ser grandes influenciadores para aqueles que não viveram o momento narrado, mesmo que os testemunhos pareçam absurdos, o narrador que o conta tem algo que Ricoeur (2016) salienta como a vantagem de poder dizer “eu estava lá” ou “se não acredita em mim, pergunte a outra pessoa”, isso causa em quem ouve – principalmente em familiares – a falsa ideia de que tudo é verdade – principalmente se for uma história que tenha leves toques de heroísmo. Desta forma, segundo Pollak (1992) as novas gerações mesmo que não tenha vivido o período narrado – nesse caso a ditadura –, adquire uma memória de tabela deste período de seus pais e avôs que os fazem pensar que ela foi realmente boa, branda e justa como sempre ouviu de sua família. Através destas memórias absorvidas junto do âmbito social, também se adquire valores éticos e morais que vão acompanhar estes indivíduos em todas as partes de sua vida que, de certa forma, irá criar as suas próprias identidades sociais.

Porém, não cabe a nós julgarmos essas memórias, elas precisam ser trabalhadas sem ser colocadas a prova, o problema da história oral segundo Bâ é que:

Para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber dose é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata do testemunho de fatos passados. (...) o testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. (BÂ, 2010, p.168)

Segundo Vansina isto:

Acontece frequentemente de o historiador não se sentir satisfeito com as informações orais de que dispõe. Pode registrar o seu descrédito em relação a validade das informações, mas, na falta de algo melhor, é obrigado a utilizá-las, enquanto outras fontes não forem descobertas. (VANSINA, 2010, p.162)

Thomson (1997) ainda pontua que muitos historiadores ainda criticam a história oral, já que “a memória não é confiável como fonte histórica porque fica distorcida pela deterioração física e pela nostalgia própria da idade avançada, pelas tendências pessoais tanto dos entrevistados quanto dos entrevistadores, pela influencia das versões coletivas e retrospectivas do passado”. Para o autor, esses críticos que ignoram a história oral,

tentando descobrir um passado estático e recuperável, sem interferências individuais, deixava de lado as varias camadas da memória individual e a pluralidade das diversas versões de um passado por diversos narradores, “não percebiam que as chamadas “distorções” da história, embora representassem um problema, eram também um recurso” (THOMSON, 1997, p.52). Estudar e ouvir os relatos do senhor Roosevelt, é de suma importância, podemos saber como essas suas memórias sobreviveram a tanto tempo inabaladas em sua mente, podemos compreender as utopias e os sonhos que marcaram sua vida passada e que podem ser revividos com o ato de rememorar, podemos entender costumes e atos do passado, compreender os motivos de alguns conflitos e animosidade entre homens e grupos políticos, e como as memórias podem conter contradições; para Delgado (2003) “A história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber”. Delgado ainda destaca:

As narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contêm a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual História e memória, se alimentam. Narrativa, sujeitos, memórias, histórias e identidades. São a humanidade em movimento. São olhares que permeiam tempos heterogêneos. São a História em construção. São memórias que falam. (DELGADO, 2003, p.23)

Não há de certa forma uma memória oficial da ditadura, ela é velada nos livros didáticos e sempre ouvimos duas versões da mesma. Com os relatos recolhidos vemos que essas duas versões estão vivas dentro das reminiscências de uma única pessoa. O senhor Roosevelt, aceita que não existia democracia e que isso era ruim, as pessoas não tinham direito ao voto e nem à liberdade, mas que não dava para a política continuar como estava, a ditadura para ele foi necessária. O mesmo dá um sentido para as barbaridades que viu, segundo Thomson (1997), isso acontece para que exista certo equilíbrio entre a identidade de passado com a do presente. Quando o mesmo diz que havia muita tortura, cria uma desculpa para suportar os fatos que pode ter presenciado, “mas a tortura era feita em comunistas, tinham que ser”. Para que possa conviver com o fato de que a ditadura torturava – quem quisesse, sendo ou não “inimigo” do regime – precisa acreditar que os torturados fossem todos “comunistas” e não apenas pessoas comuns sem relação alguma com tal ideologia.

Cabe a nós, historiadores, entender os motivos que faz com que algumas pessoas possuam visões diferentes ou distorcidas (ou sobre relatos que foram passados a eles, errados de propósito) sobre fatos da história. Cada pessoa narra um fato a partir das suas próprias ligações com o mesmo, com suas paixões, de suas mentalidades particulares, de seus interesses, modificam partes por vergonha ou por glórias. É preciso avaliar o grupo social no qual ele fez parte e qual “a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade” (BÂ, 2010, p.169)

Portanto não cabe julgar os relatos que o senhor Roosevelt me cedeu, e sim entender e desmistificar algumas concepções que o acompanharam desde sua época no exército, e entender os motivos que os levaram a acreditar nessas narrativas.

## Os motivos do golpe

É visível que a ditadura foi um golpe de Estado, mas porque ocorreu? Quais os motivos e explicações dadas a esta reviravolta política nas décadas de 1960-80? É necessário entender o que se passava no Brasil nesta época e o que levou os militares a tirar a democracia da população e implantar um regime militar que durou vinte e um anos.

No início dos anos 60 o Brasil sofria muitos distúrbios políticos e econômicos, que geravam desconforto social. O governo de João Goulart<sup>1</sup>, que aos olhos dos militares e parte da população (não a maioria dela) era incapaz de cuidar da administração pública, como relata Segatto:

O governo de João Goulart, do início ao fim, da posse à destituição- assolado por constantes crises de poder e institucionais, associadas às adversidades econômico-financeiras (inflação alta, crescimento baixo, carência de investimentos e ameaça de recessão) - viveu o tempo todo num equilíbrio instável, caminhando no “fio da navalha. (SEGATTO, 2014, p.43)

A inflação acelerada era um dos motivos que gerava insatisfação de seu governo. Porém, como Soares exemplifica:

A inflação não foi criada por João Goulart, mas foi consideravelmente acelerada durante seu governo. As séries temporais compiladas pela fundação Getúlio Vargas demonstram que a inflação sofreu aceleração durante o governo Kubitschek, acentuando-se ainda mais a partir de 1962. Em 1958, a taxa de inflação foi de 11,1% razoável para a experiência brasileira; em 1959, saltou para 29,2%, baixando para 26,3% em 1960, subindo para 33,3% em 1961, saltando para 54,8% em 1962, atingindo a altíssima taxa de 78% em 1963. Em 1964, a inflação dos primeiros meses foi assustadora, deixando claro que o governo de João Goulart tinha perdido o controle do processo inflacionário (...). A inflação, durante o governo Goulart, atingiu os níveis mais altos deste século até aquele momento. (SOARES,1994, p.16)

Desta forma é possível ver que mesmo que João Goulart não tenha criado a inflação, ela cresceu absurdamente em sua gestão. Era impossível viver uma vida equilibrada, pois “a inflação havia atingido níveis incompatíveis com a vida econômica organizada” (SOARES,1994, p.17). Apesar de elevadíssima, a inflação não foi um dos principais motivos que levaram os militares à uma participação crucial no golpe.

A população, então acostumada a décadas de crescimento econômico acelerado, viu o declínio deste, com uma estagnação que iniciou nos governos parlamentaristas. Em 1963-64 a crise atingiu o seu auge e a renda per capita diminuiu consideravelmente (renda que durante os períodos pós-guerra crescia em taxas elevadas, chegando, como

---

<sup>1</sup> João Belchior Marques Goulart, nasceu em primeiro de março de 1919, foi o 24º presidente do Brasil. Sua carreira política começa com um convite de Getúlio Vargas, no qual incentiva Goulart a entrar para o PTB local do Rio Grande do Sul; foi eleito então deputado estadual e federal do Rio Grande do Sul. Logo se tornou presidente do partido local e posteriormente do estadual e nacional. Também foi ministro do trabalho no governo de Getúlio Vargas e ainda foi eleito vice-presidente do Brasil após a morte de Vargas. Assumiu a presidência após a renúncia de Jânio Quadros. É ainda hoje um dos personagens mais controversos e o mais trágico da história política brasileira. As promessas de reformar o Brasil de seu governo deram esperança pra milhares de pessoas, mas, também foram as responsáveis para que fosse deposto por um golpe de estado por outros grupos sociais que se sentiram ameaçados.

cita Soares (1994) a “taxas superiores a 2%” ao ano). A insatisfação com o governo parlamentarista da época e seu péssimo desempenho na economia abalou a população que, dividida, via o parlamentarismo como o culpado. Para outros (os menos acusadores) era “simplesmente a política”. Desta forma “semeava-se, portanto no espírito de muitos brasileiros os grãos do autoritarismo: se a política era a culpada, cumpria acabar com ela” (SOARES, 1994, p.18.) O que se pode concluir a partir da estagnação econômica é que ela também era relevante para a população, porém, como o golpe não foi orquestrado pelo povo e sim por militares, é de se pensar se estes eram cientes da insatisfação com a estagnação, e se os mesmos (os militares) interpretaram o descontentamento da população corretamente.

A corrupção era outra questão do governo Goulart que não agravada os brasileiros. Desiludidos com a política da época, “a credibilidade pública do político brasileiro era baixíssima antes do golpe militar de 1964; a imagem que boa parte da população tinha de um deputado era, simplesmente, a de um ladrão.” (SOARES, 1994, p.20). Esta concepção pode ser comprovada na entrevista com o senhor Roosevelt, que diz: “Óia, era outra coisa, não existia bandido, ladrão, não existia deputado ladrão, nem corrupção como no governo de Jango que era que nem hoje em dia, nada disso, era bem diferente”, isto mostra a visão que um cidadão (mesmo que militar) tinha da época. É possível perceber, nesta entrevista, uma característica que é reiterada por militares nas análises políticas da época: a desordem (chamada de “anarquia” por alguns deles) da sociedade, como o senhor Roosevelt destaca em sua fala: “...as pessoas estavam confundindo democracia com anarquia... o Brasil estava uma desordem.” Afirmação comum nas falas dos militares entrevistados, como Soares deixa claro:

O caos está sempre presente nos discursos e pronunciamentos feitos por militares a respeito da situação que levou ao golpe de 64. Nas entrevistas e nas análises de escritos militares, o caos e a anarquia estão entre as condições contribuintes para o golpe mencionada com mais frequência (SOARES, 1994, p.23).

Um dos motivos para a desordem, segundo o senhor Roosevelt era: “a lei comunista queria entrar no Brasil. Então os comunistas queriam tomar conta do nosso país, então esse foi um dos motivos que os militares entraram no poder”. O caos e a desordem da sociedade poderiam estar ligados ao comunismo, sendo este um forte agente que justifica o golpe, segundo militares. João Goulart estava na China quando soube da renúncia de Jânio Quadros, e sofreu grande oposição para suceder ao cargo de presidente do Brasil, pois alguns alegavam que suas políticas e propostas assemelhavam-se muito às feitas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). Além disso, segundo Pandolfi:

Das chamadas reformas de base, incluindo as reformas agrárias, urbana, bancária, fiscal universitária. O presidente da república propôs uma política de controle sobre o capital estrangeiro e a nacionalização e a estatização dos setores básicos da economia. Defendia a extensão do direito de voto de analfabetos e aos oficiais não-graduados das forças armadas, assim como a legalização do partido comunistas” (PANDOLFI, 1994, p.74)

Mesmo sendo um partido ilegal antes do governo Goulart, o PCB crescia muito, o que assustava a burguesia brasileira (e os americanos que possuíam grande influência

dentro do Brasil). Outros acreditavam que Goulart planejava um golpe, tendo os comunistas como aliados, o que para Toledo mesmo que não tenha acontecido, não era algo que estivesse fora de alcance, pois:

Conforme revelavam pesquisas do ibope de 1964-tinha relativa popularidade em vários estados do país, inclusive no estado politicamente conservador que é São Paulo? Digno de menção também era o apoio popular às reformas e medidas econômicas propostas (agrária, controle do capital estrangeiro)” (TOLEDO, 2014, p. 33)

À contrapartida para deter o comunismo, os setores conservadores se mobilizaram conjuntamente à Igreja, através de marchas como as da "Família com Deus pela liberdade". Pode-se constatar a aversão aos comunistas pelas falas do ex-soldado entrevistado:

Se você fosse comunista e tava fazendo coisa errada, chegava o carro da polícia federal, pedia seus documentos e se você fosse comunista fazendo coisa errada tava expulso do país (...). Assim, naquela época os comunistas, eles estão bem diferente hoje em dia, mas naquela época, você não manda nada aqui, sua família e você não pode comer uma fruta aqui que ela é do Estado, eles chegavam na sua casa e você tinha que dar sua mulher pra eles dormir com ela, tudo era do Estado nada era seu. (GOMES, Roosevelt Saturnino. Entrevista I. (maio. 2017). Três Lagoas, 2017.)

Porém, a luta anticomunista não parou nas marchas. As forças armadas, logo após tomarem o poder, perseguiram e tentaram erradicar todos os que acreditassem ou simpatizassem com as ideologias comunistas. Como explica Alves (1963), sindicatos trabalhistas foram fechados, pessoas foram perseguidas, presas, torturadas e exiladas. Até mesmo muitos católicos engajados em serviços sociais e na alfabetização de adultos. O mesmo sucedeu a estudantes e a trabalhadores que reivindicavam terras e melhores condições trabalhistas.

O boato de que você teria que dar sua esposa para outro homem dormir na sua própria cama, conforme o senhor Roosevelt relata em sua fala causa medo e aversão a qualquer um. Os militares tinham uma visão de medo e ódio dos comunistas desde as revoltas de 1935. Os comunistas eram vistos como traidores da pátria, que se infiltravam dentro do exército, para conseguir informações e principalmente armas, quando sentiam que seriam descobertos matavam todos os militares do batalhão dormindo durante a noite, isso aconteceu muito no Rio de Janeiro em 1931. Analisando esta aversão, ela se torna compreensível para um militar, que com certeza não quer ser morto enquanto dorme. Outro motivo era que o Brasil e os Estados Unidos eram aliados, os comunistas eram inimigos dos norte-americanos, desta forma sendo inimigos do Brasil por consequência.

Em 9 de abril de 1964 foi apresentado à Nação o "Ato Institucional Número Um", confirmando a vitória do movimento militar sobre o governo constitucionalmente válido de João Goulart (dados da Comissão Nacional da Verdade, p.94). Durante o período, houve milhares de atrocidades contra a população, a retirada do direito ao voto, cassação de mandatos contra políticos corruptos e a muitos ligados ao PTB, a exclusão de partidos políticos, sindicatos, igrejas e organizações profissionais. Todas possuíam sobre si vigilância especial, greves foram proibidas, a opinião pública e expressões culturais se

tornaram hostis ao governo e a censura se tornou comum. Tudo passava pela fiscalização e avaliação do governo antes de ser exibido para a população, como Carvalho explica no seguinte trecho:

A censura à imprensa eliminou a liberdade de opinião, não havia liberdade de reunião, os partidos eram regulados e controlados pelo governo, os sindicatos estavam sob constante ameaça de intervenção, era proibido fazer greves, o direito de defesa era cerceado pelas prisões arbitrárias, a justiça militar julgava os crimes civis, a inviolabilidade do lar e da correspondência não existia, a integridade física era violada pela tortura nos cárceres do governo, o próprio direito a vida era desrespeitado. As famílias de muitas das vítimas até hoje não tiveram esclarecidas as circunstâncias das mortes e os locais de sepultamento. Foram anos de sobressalto e medo, em que os órgãos de informação e segurança agiam sem nenhum controle. (CARVALHO, 2002, p.164)

A repreensão se deu através de métodos extremos, como torturas e assassinatos a líderes de sindicatos e governadores de estado, além da prisão de muitos estudantes. Segundo a embaixada norte-americana, "nos dias seguintes ao golpe, prenderam-se em torno de 5 mil pessoas, e a ocorrência de brutalidades e tortura foi comum" (dados da comissão nacional da verdade, p98). Foram muitos, como o senhor Roosevelt assume, exilados, torturados e mortos e não somente civis, mas também militares que consideravam o golpe ilegal, sendo estes mortos como traidores da pátria. Logo após a tomada do poder, trabalhadores de todo o país foram às ruas, reclamar seus direitos e pedir a reforma agrária. Muitos foram presos, entre eles até imigrantes chineses, rotulados como conspiradores contra a nação. A ditadura prometeu colocar o Brasil nos eixos e quando isso acontecesse devolveria o comando aos civis, o que de fato, não aconteceu. Mantiveram-se no poder de 1964 a 1985, deixando um terrível legado.

## **Golpe ou revolução?**

Mesmo que João Goulart fosse relativamente popular, ele sofreu um golpe de estado executado por militares e apoiado pela elite brasileira, que se beneficiaria muito com o fim de seu governo. Os militares não viam suas ações como golpe e sim como revolução. Isto pode ser confirmado nas falas do senhor Roosevelt, que se refere à ditadura como revolução e jamais como golpe, termo que o deixa irritado. É necessário entender a diferença entre os dois vocábulos para corretamente classificar o regime militar como um deles.

Uma população insatisfeita com um governo que não consegue satisfazer as necessidades básicas da sociedade, que promove a desigualdade social, que dá privilégios e benefícios para monopólios econômicos e não protege trabalhadores, mas os deixa ser explorados para o lucro da elite, é este tipo de governo que é passível ao fenômeno conhecido como revolução. É a insatisfação do povo o verdadeiro agente de uma revolução, que sempre muda a ordem social e tira do poder aqueles que governam. A revolução consiste no amadurecimento da população, com o ingresso de novas ideias contrárias as já existentes, ela necessariamente deve ser pensada, e depois, gerada. Uma revolução segundo Granja é:

a tentativa, acompanhada do uso da violência, de derrubar as autoridades políticas existentes e de substituir, a fim de efetuar profundas mudanças nas



relações políticas, no ordenamento jurídico-constitucional e na esfera sócio econômica. (GRANJA, 2009, p.02)

Pode se falar de revolução quando se usa da violência para criar uma nova ordem de governo. Segundo Paulo Bonavides: "toda revolução social está no âmago do conceito sociológico de revolução e não pode vir desacompanhada da revolução política, que a executa e precede. As duas revoluções são aspectos de uma mesma realidade."(BONAVIDES, 2000, p.122)

A revolução surge em uma sociedade carente de recursos, que clama por igualdade e que quer viver com dignidade. Quando o poder político não governa para o povo e quando a ordem do Estado está oprimindo e abandonando a maior parte da população, quando os oprimidos querem ao menos a instalação da liberdade. Este grupo então tira do poder o governo e instaura uma nova ordem social e política profunda, que substituirá a antiga concertando suas falhas, "se a mudança se refere ao pessoal do governo, não houve revolução, mas golpe de estado; se a mudança atingiu a constituição política e a forma de governo já é possível falar em revolução" (BONAVIDES, 2000, p.124)

O significado de revolução se define como vemos hoje durante a revolução francesa, que buscava a liberdade das velhas instituições e que cria novos instrumentos para alcançar seus objetivos. A revolução francesa foi um fenômeno planejado e executado pelos burgueses, que já detinham o capital em mãos, ela teve o apoio das massas da cidade e do campo que também estavam insatisfeitos com a monarquia, clero e com o sistema feudal. Uma revolução perante a visão jurídica não é legítima, porém, se faz legitimar; que se legitima pela constituinte, pela criação de novos valores que a acompanham e pelas novas ordens jurídicas implantadas pelos revolucionários.

Já o golpe de estado tem um caráter pessoal egoístico, é completamente diferente, ele acontece por grupos pertencentes à elite, insatisfeito com o governo legítimo, que puxam para si os poderes legislativos e judiciários a fim de legalizar os seus atos. O golpe brasileiro ocorreu como muitos outros, não tendo o apoio dos militares e sim sendo executado por eles, desta forma sendo mais fácil conseguir atingir seus objetivos, tendo em vista que nenhum grupo consiga reunir forças capazes de sobreporem às forças armadas. Consiste em derrubar ilegalmente por um órgão do Estado a ordem legítima. Acontecem muito onde as instituições possuem políticas fracas. Não mudam quase nada dentro do sistema político e econômico, seus índices, de violência são baixos; não há participação da população, mesmo que maior parte dela apoie o golpe. Foi muito comum na América latina, África e oriente médio do século XX e em muitos desses lugares ainda acontece ou ainda não foram extinguidos. É importante deixar claro que o golpe vem de uma elite, ele vem de cima, já a revolução acontece nos âmbitos baixos da sociedade, ela vem dos que sofrem com a desigualdade. Como Paulo Bonavides explica:

o golpe de estado de modo usual é contra um governante e seu modo de governar, ao passo que a revolução se faz contra um sistema de governo ou feixe de instituições; contra a classe dominante e sua liderança; contra um princípio de organização política e social e não contra um homem apenas. (BONAVIDES, 2000, p.133)

O golpe de estado vem de pessoas que já fazem parte do governo, que já participam do ordenamento que existe no estado, já a revolução nasce de motins, das

desordens, dos distúrbios marcados pelas ações dos revolucionários. O golpe já possui um líder que mecaniza toda a ação, que mantém todo o peso sobre sua cabeça; este líder pode dar um golpe de Estado, porém, jamais, por mais forte que seja, conseguira fazer uma revolução sem o apoio das massas, que por contrapartida não possui líder até a revolução ser consumada. O golpe segundo Bonavides, trata da sede pessoal de poder e do egoísmo de um grupo ao passo, que a revolução trata dos anseios do coletivo, que toma o poder de um governo que não os representa como povo, movendo se com os novos princípios e ideais, “a revolução é legitimada, o golpe é a usurpação e como todas as usurpações concomitantemente ilegal e ilegítimo”(BONAVIDES, 2000, p135). A revolução acontece por toda a Nação enquanto o golpe se prende apenas a pontos urbanos vitais, onde mais enfraquece a administração do poder. É desta forma que se deve olhar um golpe de Estado e uma revolução, suas diferenças são enormes; as confusões que se pode ter sobre eles é muitas vezes usada pelos governos ilegais que promoveram um golpe, para terem a aceitação da sociedade.

### **A ilegitimidade do golpe e o uso da democracia como disfarce**

Pode se ver desta forma a partir destas definições que, o que aconteceu no Brasil em 64, foi um golpe de Estado. Depor Jango foi um ato ilegal, porém, a partir do momento que os militares tomam o poder para si, a ditadura passa a ser legal. Pois, os militares criaram um novo ordenamento que rompe com as leis do anterior, agora as leis eram feitas por eles, e não infligiram nenhum princípio ou a natureza dela; tudo que eles fizeram passou a ser legal perante suas leis, desta forma, então suas ações eram legais perante as ordens jurídicas vigentes. Por fim, é necessário se analisar a legitimidade que havia neste golpe, e a sua aceitação para com a população. Mas, como se analisar o golpe, quando seus agentes dizem ser revolução, isto não acontece por acaso, segundo Florestan Fernandes:

em primeiro lugar, há uma intenção: a de simular que a revolução democrática não teria sido interrompida. Portanto, os agentes do golpe de Estado estariam servindo a Nação como um todo (e não privando a Nação de uma ordem política legítima com fins estritamente egoístas e antinacionais). Em segundo lugar, há uma intimidação: uma revolução dita as suas leis, os seus limites e o que ela extingue ou não tolera ( em suma, golpe de Estado criou uma ordem ilegítima que se inculcava redentora; mas na realidade, o “império da lei” abolia o direito e implantava a “força das baionetas”: não há mais aparências de anarquia, porque a própria sociedade deixava de secretar suas energias democráticas). (FERNANDES,1981, p.02)

Desde que o golpe ocorreu houve uma enorme luta dos militares para legitimar suas ações para com a população, segundo Rezende, a ditadura passou por dois desafios: o primeiro, conseguir construir elementos que certificassem que aquele movimento era legítimo, já o segundo se caracteriza com o empenho do grupo em dar continuidade à construção desta legitimidade no decorrer dos governos ditatoriais. Segundo Rezende:

O regime lutava para construir um sistema de valores e ideais visando sedimentar na sociedade como um todo à crença de que o movimento de 1964 somente se legitimava porque ele expressava sob todos os aspectos os interesses do povo brasileiro. (REZENDE, 2013, p.33)

Os apelos para a aceitação da legitimidade do golpe agora estava, nos pronunciamentos e ações do grupo no poder do Estado, procuravam estabelecer um elo com a população através dos ideais de democracia, usando do discurso para ludibriar e passar a ideias que iriam livrar o país da anarquia que estava vivenciando. Queriam conseguir opiniões públicas e apoio da população para tornar seus atos legítimos, para que pudessem governar sem muita resistência popular. Tentava se assim amenizar suas naturezas ditatoriais e conseguir por meio dos apelos o reconhecimento da população, também não aceitavam serem contrariados, e tinham o poder de se fazer obedecer. A ditadura criou um conjunto de valores que segundo Rezende, para eles era a singularidade da democracia que o povo brasileiro almejava, onde esses valores iriam servir como um moldador de todas as relações que fossem estabelecidas pelos vários setores da sociedade.

Como parte deste processo singularizado de busca de legitimidade, somente a título de exemplo, que a ditadura inventava um ideário de democracia pautado no processo de sedimentação de um sistema de ideias e valores em que a questão de segurança nacional, da ordem, da preservação da família, do saneamento moral, etc. (REZENDE, 2013, p.35)

Esses valores seriam os garantidores de uma nova ordem democrática que viria a ser criada, a valorização da instituição da família, que era para eles seu maior interlocutor e iria ajudar a implantar a fundo suas ideias de serviço ao povo e de uma “remodelação do estado a partir da valorização da família e de todos os valores que lhe fossem inerentes” (REZENDE, 2013, p.39). Para os ditadores a sociedade aprenderia sobre suas doutrinas (mesmo que usassem da violência para ensinar). A criação desses valores foi bem aceita, pois eles se estendiam a uma grande maioria de pessoas e de grupos sociais, valores que estavam ligados a preservação da família, remodelamento da escola como explica Rezende, baseados nos padrões do novo regime (alienador e com propostas que faziam os alunos a decorar e não aprender), os direitos da crença religiosa que se fundavam nos ideais cristãos, e até mesmo valores anticomunistas.

Os ideais de democracia criados pelo regime, propunham uma estratégia que abrangia a integração entre o povo brasileiro e a ditadura no poder, era necessário criar mecanismo de aprovação da ditadura e de seus métodos de tratar o governo do país. Era necessário criar uma população, já educada desde cedo, nas próprias escolas e por seus professores, que com o passar do tempo transmite-se por si só esses ideais para as próximas gerações como algo que deveria ser seguido. Isto acontece de fato, ao analisar as falas da esposa do entrevistado, ela apoia a ditadura, pois os militares protegiam as pessoas de “bem” e, davam um fim nas que atrapalhassem a ordem da Nação. Estas histórias conseguiram sobreviver até chegarem para seus filhos e netos.

Desta forma a ditadura foi relativamente bem sucedida, pois, ela tentava firmar seus supostos ideais de democracia “em valores socialmente atuantes e de grande significado para diversos segmentos sociais” (REZENDE, 2013, p.40) Desta forma, a legitimidade do regime militar pode ser compreendida, tendo em vista a instauração de um processo social feito por aqueles que estavam no poder para potencializar os valores que eram para a ditadura essenciais para manterem a sociedade brasileira em ordem.

## Algumas considerações finais

É interessante ter uma visão ampla do que foi o período militar brasileiro. Este trabalho não é capaz de analisar os anos de chumbo de forma completa, porém, pode elucidar alguns aspectos da ditadura que são usados até os dias atuais como exemplos a serem seguidos para que o Brasil volte aos eixos. A ditadura militar deixou o seu legado: ela marcou profundamente os corações dos brasileiros. Para uns, a dor de ter um filho, irmão ou esposo/a levados pelos militares para nunca mais serem vistos. Para outros, como ex-militares e pessoas que viveram ao seu redor, o regime militar foi algo bom, que deveria ter continuado, porque foram os anos dourados do Brasil.

Mesmo que o ex-militar aposentado entrevistado afirme as coisas que foram ditas, repetidas e ouvidas por tanto tempo de que gostaria que ainda fosse ditadura no Brasil, nota-se que ainda há nele um senso que consegue dizer que a ditadura teve seus pontos positivos e negativos, que muita gente inocente morreu e que a democracia é um direito do povo; este senhor foi influenciado a aceitar os termos que a ditadura pregava e como nada o prejudicava, aceitou de bom grado.

## Referências

- ALVES, Marcio Moreira. *68 Mudou o mundo*. Rio de Janeiro: Editora nova fronteira, 1963.
- BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010.
- BONAVIDES, Paulo. *Ciência Política*. São Paulo: Malheiros editores LTDA, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania do Brasil: O longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. In: VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura HISTÓRIA ORAL, 6, 2003, p. 9-25.
- FERNADES, Florestan. *O que é revolução*. São Paulo: editora brasiliense, 1981.
- GRANJA, Aline Ferraz de Gouveia; HORNE, Francisco Alejandro. *Revolução, Golpe de Estado, Contra-Revolução e Globalização* Disponível em <<http://www.direitonet.com.br/artigos/x/28/81/2881>>. acesso 20 de abril de 2021
- PANDOLFI, Dulce. Os comunistas e o golpe. In: D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon (org.). *21 anos de regime militar: balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora da fundação Getúlio Vargas, 1994.
- POLLAK, Mickael. *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: Ed estudos históricos, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. *A história oral como gênero*. São Paulo: Educ. Projeto História, São Paulo, (22) jun./2001.

REZENDE, Maria José de. *A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade, 1964-1984*. Londrina: Eduel, 2013.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. 6ª impressão. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2016

SEGATTO, José Antônio. Crise política e derrota da democracia. In: VALLE, Maria Ribeiro do. (org.). *1964-2014: Golpe militar, história, memória e direitos humanos*. Araraquara-SP: Cultura acadêmica, 2014

SOARES, Glaucio Ary Dillon. O Golpe. In: D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon (org.). *21 anos de regime militar: balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora da fundação Getúlio Vargas, 1994.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História oral com as memórias*. São Paulo: Educ. Projeto História, São Paulo, (15) abr./1997

TOLEDO, Caio Navarro de. Teses revisionistas sobre 1964: democracia e golpismo. In: VALLE, Maria Ribeiro do. (org.). *1964-2014: Golpe militar, história, memória e direitos humanos*. Araraquara-SP: Cultura acadêmica, 2014

VANCINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010.